

Recensão da obra "O amor tudo crê, tudo suporta? Conversas (in)docentes"

Eggert, E., Alves, M., & Campagnaro, S. (2021). *O amor tudo crê, tudo suporta? Conversas (in)docentes*. EDUNISC. [86 pages, ISBN 978-65-88564-06-6].

Évelin Albert ⁱ
Universidad Autónoma
de Madrid, Espanha.

Edmila Silva Gonzalez ⁱⁱ
Universidade Federal
de S. Paulo, Brasil.

O livro *O amor tudo crê, tudo suporta? Conversas (in)docentes*, de Edla Eggert, Márcia Alves e Sara Campagnaro (2021), aborda o entendimento do amor na contemporaneidade e as suas implicações em múltiplos espaços, principalmente na vida de professoras. Dessa forma, as autoras percorrem os conceitos de feminismo, patriarcado, gênero, hermenêutica feminista e educação, entrelaçando-os com a importância da ampliação do conhecimento acadêmico sobre a história e a produção das mulheres nas suas experiências cotidianas.

Nesse sentido, definem o patriarcado como o poder que os homens têm sobre a existência das mulheres e, também, sobre os sujeitos que remetem características do mundo feminino. Para elas, as mulheres ficam dominadas por esse patriarcado, que é, essencialmente, heterossexual, composto por homens brancos e donos dos meios de produção. Para as mulheres, nada é natural; tudo é uma aprendizagem, inclusive, o amor que lhes é imposto. Esse amor é inserido nas suas vidas através dos contos de fadas e, para que tenham um final feliz, normalmente precisam de ser salvas por príncipes que, ironicamente, são representados por homens brancos.

De tal modo, o amor romântico assemelha-se ao encargo das mulheres, podendo causar desgaste emocional e físico. Por isso, torna-se tão necessário compreender essas naturalizações, tendo consciência de que existem outras formas de convívio prazeroso entre todas as pessoas que desejam partilhar as suas vidas. Da mesma forma, vivendo numa sociedade patriarcal que induz o amor romântico para as mulheres, torna-se cada vez mais importante explicitar os fenômenos dessa dominação e, também, das violências sofridas pelas mulheres.

Surgem, assim, os estudos de gênero, que buscam compreender as vivências humanas, apontando a qualidade de vida, a equidade e o entendimento de que as diferenças são utilizadas como justificativas para as desigualdades entre os gêneros, algo que é preciso combater. Dessa forma, as autoras abraçam, também, o feminismo, sinalizando a sua representatividade no

mundo da produção do conhecimento acadêmico. Portanto, compreendem a potência do feminismo negro, da juventude periférica e de um feminismo das margens latino-americanas, indicando que esse caminho nos ensina a produzir aulas e pesquisas cada vez mais antirracistas, humanas, democráticas e plurais.

Dessa forma, com o desejo de compartilhar estudos e fomentar o conhecimento, as autoras nos provocam a pensar e interpretar as ciências humanas, isto é, a hermenêutica. Para isso, buscam em estudos como Marcela Lagarde y de los Ríos (2005), Silvia Federici (2021), Helelith Saffioti (1987, 2004), Beatriz Nascimento (Ratts, 2006), Sueli Carneiro (2019), Lélia Gonzalez (2018), Djamila Ribeiro (2017), Angela Davis (2016) e Bell Hooks (2019) vislumbrar temas que muitas vezes são silenciados.

No primeiro capítulo, as autoras desenvolvem o pensamento da antropóloga mexicana Marcela Lagarde y de los Ríos (2005), partindo da concepção sobre os cativeiros em que uma mulher vive. Dessa forma, discorrem que, na história da humanidade, as mulheres, na maioria das vezes, estiveram – e ainda estão – em segundo plano, sendo consideradas intelectualmente inferiores, incapazes, ameaçadoras e, por isso, controladas por alguém: pai, marido, Estado, religião, lei. De tal modo, as mulheres, desde cedo, estiveram em cativeiros impostos pela sociedade e pela cultura patriarcal, sendo, em muitas ocasiões, privadas da sua liberdade e encontrando-se em situações de dependência vital.

As formas como os cativeiros operam na vida das mulheres são distintas, mas, pelo simples fato de serem mulheres, elas sabem que, desde a infância, a sua liberdade é diferente da liberdade dos meninos, sendo esperado que demonstrem docura, educação, delicadeza e responsabilidade. Porém, as autoras alertam que, quando uma menina rompe esses modelos, é comumente reprimida e castigada.

Posto isso, as autoras refletem que a liberdade e o cativeiro das mulheres se constroem nessas relações sociais e históricas, sendo sempre esperado algo da mulher. Quando jovem, espera-se que proteja a sua virginidade, se sente de pernas fechadas, use roupas que não mostrem demais; quando adulta, espera-se que use o corpo para ter filhos, para o prazer do marido, para dar de mamar aos seus bebês; quando idosa, espera-se que esconda o seu corpo cheio de marcas, não expresse a sua sexualidade e cuide dos netos. Com tantas coisas que são esperadas, as mulheres, por serem quem são, deparam-se com muitas barreiras nas suas vidas.

Ao falarem sobre a mulher e o trabalho, as autoras discutem outro cativeiro que se revela para as mulheres quando elas abdicam da sua liberdade em prol dos cuidados de e para outros, como os seus filhos, marido e parentes. Muitas vezes, elas deixam as suas vontades de lado, pois são ensinadas que amar é colocar sempre os outros em primeiro lugar. Porém, acabam por se esquecer de si mesmas. Assim, as autoras mostram-nos que o tempo que a mulher teria livre para si também é utilizado com trabalho, que vai além do remunerado. É um trabalho invisível que é realizado sempre que chegam a casa, como limpar, lavar e passar roupa, preparar a comida, entre outros.

Com isso, ao longo das gerações, as mulheres foram enquadradas em profissões que envolvem o cuidado e a delicadeza, como se nascessem prontas

para cuidar de outras pessoas. A pedagogia, por exemplo, por muitos anos, foi considerada uma profissão de “vocação” feminina, sendo, até o início do século XX, uma das únicas profissões permitidas e acessíveis para mulheres solteiras ou viúvas. Ainda assim, ao casarem-se, as professoras perdiam o cargo.

Dessa maneira, a sociedade patriarcal constrói, em torno da professora, uma aura de cuidado e de proteção, acreditando que apenas uma mulher pode cuidar tão bem dos filhos de outra. Entretanto, devemos compreender que professoras não são segundas mães; são profissionais da educação, estudam e especializam-se nessa área, e, portanto, é necessário que sejam vistas e remuneradas como tais.

No segundo capítulo, as autoras aprofundam o conceito de patriarcado, apontando que ele configura uma hierarquia presente em todas as esferas da sociedade, pois a relação de poder dos homens sobre as mulheres ultrapassa o recinto familiar, a estrutura social e as mais diversas instituições. Representa, portanto, uma estrutura de poder fundamentada na ideologia, mas também na violência, que não é somente física mas também nas formas que produzem a exclusão, o menosprezo e a dominação.

Assim, os homens poderosos dominam as mulheres e, ao mesmo tempo, dominam os homens com menos poder. Nessa lógica, falar sobre o patriarcado é falar sobre as relações de poder que estão presentes na sociedade e que se mesclam com a vida privada e com o espaço doméstico. Portanto, o processo de subordinação das mulheres está fundamentado nas relações ambientadas no universo doméstico, mas desenvolve-se para as demais estruturas da sociedade.

Por isso, ao falarem sobre o universo doméstico, as autoras afirmam que é senso comum considerar que a representação patriarcal da família tradicional inclui a presença masculina. Entretanto, alertam que a realidade brasileira é outra, visto que a família brasileira, na sua maioria, é estruturada por mulheres e sustentada economicamente apenas por elas. Este fato é corroborado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC), que mostra que, entre 2012 e 2022, o número de lares com mulheres ocupando a função de protagonistas cresceu 72,9%, passando de 22,2 milhões para 38,3 milhões. Ou seja, a participação das mulheres como responsáveis pelos seus lares passou de 35,7% para 50,9%, enquanto a dos homens caiu de 64,3% para 49,1% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012; 2022). Dessa forma, quando pensamos sobre o patriarcado e as formas em que ele se mantém, precisamos de olhar para a instituição familiar atual.

Também necessitamos de questionar o papel da mulher e do homem na sociedade, pois muitas mulheres não possuem filhos, mas frequentemente assumem a condição “materna” de cuidadora, reproduzindo os papéis tradicionais que a sociedade lhes confia com o discurso de que isso é um desígnio natural e feminino. Isso acaba por minimizar todo o debate que poderia estar sendo realizado na sociedade sobre o papel da paternidade, a divisão do trabalho doméstico, a estruturação das famílias, etc.

No terceiro capítulo, as autoras discorrem sobre o pensamento mágico, a consciência ingênua e a consciência crítica, baseando-se em Lagarde y de los Ríos (2005) e Álvaro Vieira Pinto (1960). Eggert, Alves e Campagnaro apresentam como Marcela Lagarde y de los Ríos (2005) explora a subjetividade das mulheres, oferecendo argumentos sólidos que mostram como

as nossas crenças moldam profundamente as nossas vidas e influenciam a maneira como percebemos o mundo ao nosso redor.

Elas destacam como as convicções que abraçamos desempenham um papel fundamental na formação das nossas perspectivas e na compreensão do universo que nos cerca. Reforçam, também, que existe uma visão de mundo específica das mulheres, moldada pela cultura patriarcal histórica, levando-as a ter uma concepção de mundo fragmentada e desarticulada.

Nessa direção, um dos pontos cruciais abordados é a forma como as mulheres aprendem a explicar o mundo, muitas vezes, de maneira mágica e misteriosa em vez de científica. As mulheres são frequentemente ensinadas a explicar a vida e o mundo para os outros, em vez de serem encorajadas a interpretar e questionar essas explicações. Isso resulta em respostas repli-cadas e reprodutivas, perpetuando a cultura patriarcal.

Também é discutida a questão da culpa internalizada pelas mulheres, que, muitas vezes, se sentem responsáveis pelos problemas e violências que enfrentam. Essa culpa é frequentemente alimentada por interpretações distorcidas de textos religiosos e tradições culturais. As autoras relacionam os seus conceitos à conscientização e à desmistificação, argumentando que as mulheres precisam de tomar posse da sua realidade e desafiar as narrativas que as mantêm submissas. Dessa forma, enfatizam como a educação é um elemento-chave nesse processo de conscientização e empoderamento.

Além disso, é abordada a questão da energia vital das mulheres e como ela é consumida pela manutenção da vida dos outros. A ênfase recai sobre como as mulheres são sobre carregadas com tarefas domésticas e de cuidado, muitas vezes invisíveis e desvalorizadas pela sociedade. Isso resulta em exaustão física, mental e espiritual.

Por fim, é destacado o papel da docência como uma profissão tradicionalmente associada às mulheres e como as mulheres na educação muitas vezes enfrentam uma sobrecarga de trabalho devido às múltiplas jornadas que realizam. Essa análise salienta questões fundamentais relacionadas com o gênero, com a subjetividade das mulheres e com a necessidade de uma conscientização crítica e coletiva para desafiar as estruturas patriarcais que perpetuam desigualdades de gênero e sobre carregam as mulheres.

O quarto capítulo do livro explora estratégias político-pedagógicas eficazes no enfrentamento do sexism. Essas abordagens visam não apenas aumentar a conscientização sobre as questões de gênero, mas também promover a igualdade e a inclusão em contextos educacionais e sociais. Ademais, as autoras buscam apresentar métodos que nos permitam encarar de maneira mais otimista os desafios cotidianos de viver fora das estruturas do patriarcado, conforme sugerido por Bensusan (2004).

O tópico "Oficinas Reveladoras da Dramática de 'Eu Ser Eu Mesma" (p. 62) oferece uma análise das metodologias desenvolvidas pelas mulheres que participaram nos movimentos sociais na década de 1970 em busca de dignidade e visibilidade para as questões de gênero. As autoras destacam a relevância contínua dessas abordagens, que servem como inspiração para enfrentar desafios similares nos dias de hoje.

A discussão concentra-se na importância das rodas de conversa e outras formas de diálogo que promovem o conhecimento sobre os corpos e a

autonomia das mulheres. Essas abordagens buscam identificar e confrontar comportamentos sexistas, desafiando as normas tradicionais que perpetuam o poder masculino. Ao reconhecer essas dinâmicas, o tópico desenvolvido incentiva a busca por novas maneiras de se relacionar com o próprio corpo e de criar ambientes mais inclusivos para meninas e meninos, prevenindo a propagação de educação discriminatória.

As autoras também abordam como frases e estereótipos tradicionais moldaram as expectativas em torno do comportamento feminino, impondo a necessidade de serem cordiais, alegres e recatadas. No entanto, questionam se é necessário que as mulheres se conformem com essas expectativas e se perguntam o que significa verdadeiramente "ser elas mesmas". A análise crítica do amor romântico como um vínculo que exige constante doação e sacrifício, principalmente das mulheres, é central para a desconstrução desses padrões limitantes.

Este capítulo ressalta a importância de identificar essas armadilhas sociais e questionar a educação internalizada que perpetua essas normas. Além disso, enfatiza a necessidade de repensar o cotidiano, tanto em âmbitos familiares quanto no ambiente de trabalho, particularmente na Educação Básica, onde a socialização de gênero desempenha um papel significativo na reprodução das normas sexistas.

É sugerida a utilização da literatura e de outras formas de expressão artística como ferramentas para discutir direitos humanos, ética e equidade de gênero. A análise de estatísticas sobre questões de gênero, bem como a educação para a sexualidade, é apresentada como desafio importante na promoção de uma visão mais ampla e inclusiva dos corpos das mulheres, desvinculada de padrões de beleza irreais e da pressão para a compra de produtos relacionados com a imagem corporal. Este capítulo oferece uma visão valiosa e crítica sobre a desconstrução do sexismo e sobre a promoção da igualdade de gênero nos contextos educacionais e sociais contemporâneos.

O tópico "Brinquedos x Brincadeiras de Roda x Jogos Digitais" (p. 63) aborda, de maneira abrangente, a relação entre brinquedos, jogos e socialização de gênero, explorando como esses elementos podem influenciar o desenvolvimento infantil e as dinâmicas de igualdade de gênero. Inicialmente, as autoras questionam se as brincadeiras de roda ainda têm relevância para as crianças, destacando a importância do lúdico na vida infantil e como o brincar se tornou digital na era contemporânea. Elas também levantam a questão dos brinquedos que promovem valores e ideologias sexistas, especialmente aqueles que enfatizam temas bélicos para os meninos. Indagam, ainda, se é possível pensar no mundo infantil sem considerar os padrões de gênero impostos pelos adultos e se ser crítico em relação a essas questões é visto como "estraga-prazer".

A discussão avança para explorar como a educação pode oferecer abordagens anti-sexistas para promover a liberdade e a igualdade de gênero. Isso inclui a promoção de jogos colaborativos em vez de competitivos; a integração de meninas em esportes e jogos de estratégia; e a quebra de estereótipos sobre o que é considerado "brinquedo de menina e de menino". O texto enfatiza o papel dos educadores na promoção dessas abordagens e na criação de ambientes de aprendizado mais igualitários.

No contexto dos jogos digitais, as autoras sugerem a introdução de jogos históricos e de estratégia que possam atrair tanto meninas quanto meninos. Elas também enfatizam exemplos de jogos colaborativos que podem promover a criatividade e habilidades de pensamento rápido. Além disso, mencionam a importância dos jogos eletrônicos como ferramentas para desenvolver habilidades cognitivas, estimular a cooperação e abordar questões de gênero e diversidade.

No entanto, a obra ressalta que ainda existem desafios, especialmente nos jogos online, que muitas vezes perpetuam o machismo e a exclusão de meninas, de mulheres e de pessoas da comunidade LGBTQIA+. Portanto, são sugeridas estratégias para criar grupos de discussão e apoio antirracistas e antissexistas relacionados com jogos.

Em última análise, as autoras frisam a importância do brincar e dos jogos na infância como ferramentas para o desenvolvimento social e cognitivo das crianças. Além disso, destacam como a escola pode desempenhar um papel crucial na reflexão e discussão sobre questões de gênero, raça e discriminação, utilizando brinquedos, jogos e brincadeiras como instrumentos para promover um mundo mais igualitário e justo.

No final deste quarto capítulo, são apresentadas sugestões para a expansão da pesquisa e dos estudos relacionados com as mulheres no Brasil: vídeos e canais sobre temas feministas, de gênero e política; blogs e sites de jornalismo com foco em discussões sobre gênero, raça e classe; sites com dados sobre a realidade das mulheres no Brasil; editoras que trabalham com pautas relacionadas com as temáticas feministas; revistas científicas direcionadas aos estudos feministas e de gênero; grupos de pesquisa certificados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que desenvolvem pesquisas na temática e contatos. Essas sugestões visam facilitar o acesso a recursos e redes que podem enriquecer a pesquisa e o estudo das questões relacionadas com as mulheres no contexto brasileiro, incentivando a ampliação do conhecimento e da conscientização sobre esses temas importantes.

A parte final da obra, intitulada “Finalizar para abrir o cadeado”(p. 75), levanta uma série de perguntas cruciais sobre as dinâmicas de gênero e de poder nas relações amorosas e na vida cotidiana. Questiona porque, em pleno século XXI, ainda vemos reações violentas de homens quando as suas parceiras decidem voltar aos estudos, buscando o conhecimento e o crescimento pessoal. Porquê essa ameaça ao “brilho no olhar” das mulheres que buscam o autoconhecimento? As autoras apontam para a influência de construtos culturais como o amor romântico, o machismo e o patriarcado nesse cenário.

É ressaltada a importância de abrir um diálogo sobre as expectativas que envolvem o amor nas relações, evidenciando que o amor não precisa de ser um fardo suportado por uma parte do casal. Ademais, a educação é apresentada como uma ferramenta fundamental para construir uma consciência crítica sobre as dinâmicas de poder e de gênero desde a infância. O livro também destaca o valor dos grupos de mulheres como espaços de troca e de empoderamento, onde podem compartilhar experiências e aprender umas com as outras. É enfatizada a ideia de que cada pessoa deve carregar a “chave”

para seu próprio cadeado, ou seja, a capacidade de se libertar das construções sociais que limitam o seu potencial.

Por fim, o texto convida-nos a (re)pensar nas construções culturais que moldam as nossas relações de gênero e a ter esperança numa mudança gradual, lembrando-nos da necessidade de cautela e de perspicácia diante de desafios que persistem ao longo dos séculos.

REFERÊNCIAS

Bensusan, H. (2004). Observações sobre a libido colonizada: Tentando pensar ao tentando pensar ao largo do patriarcado. *Revista Estudos Feministas*, 12(1), 131-155. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100007>

Carneiro, S. (2019). Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In H. B. de Hollanda (Org.), *Movimento feminista brasileiro: formação e contexto* (pp. 271–289). Bazar do Tempo.

Carneiro, S. (2018). *Escritos de uma vida*. Editora Pôlen.

Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe* (H. R. Candiani, Trad.). Boitempo.

Eggert, E., Alves, M., & Campagnaro, S. (2021). *O amor tudo crê, tudo suporta? Conversas (in)docentes*. EDUNISC. <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/3254>

Federici, S. (2021). *O patriarcado do salário*. (vol. 1). Boitempo.

Gonzalez, L. (2018). *Primavera para as rosas negras*. Diáspora Africana.

Hooks, B. (2019). *O feminismo é para todo mundo: Políticas*

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: PNAD: microdados*. IBGE. <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=2012>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: PNAD: microdados*. IBGE. <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=2022>

Lagarde Y De Los Rios, M. (2005). *Los cautiverios de las mujeres: Madresposas, monjas, putas, presas y locas* (4.ª Ed.). Universidad Nacional Autónoma de México. <https://desarmandolacultura.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/04/lagarde-marcela-los-cautiverios-de-las-mujeres-scan.pdf>

Ratts, A. (2006). *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Kuanza. https://998dd9a3-334b-44a6-a181-f9a4f97d5cf9.filesusr.com/ugd/45f7dd_6a0e0988d4db46afa2ba5cb2bf358de0.pdf

Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?*. Letramento.

Saffioti, H. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. Fundação Perseu Abramo.

Saffioti, H. (1987). *O poder do macho*. Editora Moderna.

Vieira Pinto, Á. (1960). *Consciência e Realidade Nacional* (Vol. 1). Instituto Superior de Estudos Brasileiros. https://www.academia.edu/43788375/Consci%C3%Aancia_e_Realidade_Nacional_%C3%81lvaro_Vieira_Pinto_1_Volume_Instituto_Superior_de_Estudos_Brasileiros_1960

i Universidad Autónoma de Madrid, Espanha
evelin_albert@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1515-8444>

ii Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, Brasil
edmila.oliveira@unifesp.br
<https://orcid.org/0000-0003-4357-0698>

Toda a correspondência relativa a este artigo deve ser enviada para:

Évelin Albert
evelin_albert@hotmail.com

Recebido em 12 de outubro de 2023
Aceite para publicação em 14 de dezembro de 2024
Publicado em 25 de junho de 2025